

ARQUEOLOGIA Estudo diz que índios amazônicos construíram grandes aldeias antes de 1500 e ataca mito da floresta intocada

Civilização do Xingu tinha estradas e pontes

CÁSSIO LEITE VIEIRA
FREE-LANCE PARA A FOLHA

Um artigo publicado hoje na revista americana "Science" (www.sciencemag.org) deve ajudar a abalar mais um pouco a idéia de uma Amazônia intocada e habitada por tribos pequenas, isoladas, igualitárias e móveis na época do Descobrimento.

Na realidade, uma extensa intervenção humana no ambiente e construções monumentais refletem melhor o que acontecia na região amazônica por volta de 1500. Além das evidências que apresenta para defender essa nova visão da "pré-história" nacional, o trabalho traz ainda uma peculiaridade extra em sua lista de autores: os nomes índios Afukaká Kuikuro e Urissapá Tabata Kuikuro, algo inédito em pesquisas brasileiras (leia texto à direita).

O cenário esboçado pelos autores é o seguinte: no final do século 15, o Alto Xingu — uma língua de floresta amazônica que penetra pelo norte de Mato Grosso e onde estão os formadores do rio Xingu — sofreu uma profunda transformação por mãos humanas.

Surgiram aldeias gigantescas (algumas com área de até 500 mil metros quadrados), densamente habitadas (até 5.000 pessoas), interligadas por estradas que chegavam a 5 quilômetros de extensão e 50 metros de largura.

Esses complexos regionais incluíam ainda represas, pontes, aterros e fossas, entre outras estruturas artificiais. Era o ápice de um processo que tivera sua origem cerca de cinco séculos antes.

Aldeias fortificadas

Algumas aldeias eram fortificadas, com paliçadas e valas semicirculares de até 5 metros de profundidade e 2,5 quilômetros de extensão. Acredita-se que a função dessas construções fosse a defesa. A distância média entre as aldeias (5 km) e a presença de estradas de ligação entre elas reforçam a idéia de que a ameaça vinha de fora. A suspeita recai sobre tentativas de invasão por povos de língua jê, tupi-guarani ou caraba.

Em todas as aldeias havia uma área central (praça) para a qual convergiam caminhos. Isso dava ao conjunto uma estrutura radial que pode ser vista até em imagens de satélite e fotos aéreas utilizadas pelos autores (veja quadro à dir.).

Para provar que a maioria desses conglomerados de aldeias já estava na região entre os anos 1250 e 1400, os autores apresentaram uma lista de peças arqueológicas datadas pelo método do carbono-14, que fornece a idade das amostras com base na quantidade de uma forma radioativa do elemento químico carbono.

A força do artigo reside principalmente em seu perfil multidisciplinar. O trabalho uniu especialistas em antropologia, linguística e arqueologia ao conhecimento nativo e à alta tecnologia.

O mapeamento da extensão das aldeias e estradas só foi possível

com o uso de GPS (Sistema de Posicionamento Global), um equipamento que dá as coordenadas e a altitude de qualquer ponto sobre a superfície terrestre. Esse GPS de alta precisão só foi liberado para uso civil em 2000 por militares norte-americanos.

"Com ele, fiz em dias o que antes levava meses", diz o antropólogo Michael Heckenberger, da Universidade da Flórida (EUA) e autor principal do artigo.

Monumentalismo

Mas por que tamanha ostentação nas construções? Heckenberger defende que a resposta seja o que ele denomina "estética do monumentalismo", uma cultura estabelecida ainda pelos povos colonizadores do Alto Xingu e que se fortaleceu no final do século 15, com as aldeias fortificadas. Essa tradição cultural teria permanecido como um tipo de roteiro que permeia até hoje a história xinguana, mesmo que o cenário e os atores tenham mudado ao longo dos séculos.

É possível que, ao longo dos séculos, a praça central tenha sido o local onde se amalgamou a cultura xinguana. É nesse espaço que, ainda hoje, ocorrem os rituais intertribais, como o quarup, uma homenagem aos mortos.

A monumentalidade das aldeias e estradas vai contra a hipótese de que, em geral, as sociedades amazônicas eram, na época do descobrimento, pequenas, dispersas, isoladas, móveis e igualitárias. Esse é um resumo das idéias de Betty Meggers — um dos nomes mais influentes da antropologia nos Estados Unidos — no livro "Amazônia - A Ilusão de um Paraíso" (Itatiaia/Edusp, 1987).

As evidências que foram apresentadas no artigo da "Science" pintam um quadro com outros elementos: sedentarismo (grandes aldeias), integração regional (estradas), acomodação interétnica (multietnia) e ideologia hierárquica (distinção entre linhagens de chefes e não-chefes).

"O estudo dos rituais intertribais reforça a idéia de uma sociedade híbrida e hierarquizada ao longo do processo de formação da cultura xinguana", diz outro autor, o antropólogo Carlos Fausto, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Museu Nacional (RJ).

Para Eduardo Viveiros de Castro, antropólogo do Museu Nacional, o artigo apresenta pesquisas que confirmam, de modo eloquente, hipóteses que vários especialistas vêm formulando já há algum tempo sobre a ecologia histórica e a fisionomia sociopolítica da Amazônia pré-colombiana.

"Os elementos substantivos do artigo estão entre os mais bem caracterizados pela pesquisa arqueológica recente na Amazônia, tornando algo desnecessária, em minha opinião, a adjetivação um tantinho carregada ['dramática', 'aguda', 'paisagem amplamente transformada pela presença humana'] que os envolve", diz.



O chefe cuicuro Afukaká, sentado ao lado do pesquisador norte-americano Michael Heckenberger

Carlos Fausto/Museu Nacional

Editoria de Arte/Folha Imagem

Michael Heckenberger/Science

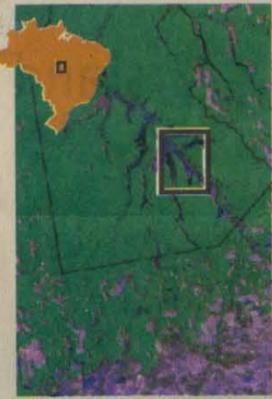
MONUMENTOS PRÉ-DESCOBRIMENTO

Amazônia já tinha grandes obras no final do século 15

Contrariando teorias de que a floresta amazônica só comporta populações pequenas, arqueólogos encontraram provas de que na região do Alto Xingu havia sociedades complexas erguendo grandes redes de estradas e de obras de defesa.

Imagem de satélite mostra áreas de ocupação antiga na região cuicuro estudada

- Estradas anteriores ao Descobrimento
- Valas defensivas
- Trilhas atuais dos índios cuicuros



Fonte: "Amazonia 1492: Pristine Forest or Cultural Parkland?", revista "Science" (www.sciencemag.org), 19.set.2003, vol. 301, págs. 1710-1714

Artigo reaviva debate sobre desmatamento

FREE-LANCE PARA A FOLHA

É o final do artigo na revista "Science" que deve suscitar mais debate. Além da pesca abundante na região, os autores afirmam que a mandioca era cultivada em larga escala para sustentar milhares de pessoas. E isso teria imposto uma imensa transformação do ambiente, classificada no artigo como "dramática alteração humana da cobertura vegetal".

A prova desse desmatamento

intencional é a presença de "chumaços" de floresta original dentro de vastas áreas de mata secundária. Não se sabe bem o porquê de os índios terem deixado essas reservas de vegetação primária.

"Havia uma co-evolução com o ambiente, um modo de sustentar populações densas por um longo período, através de um sistema ecológico sustentável", diz Heckenberger, sem, no entanto, arriscar uma explicação para a presença desses redutos intocados.

É justamente a defesa dessa intervenção ambiental que deve resgatar uma polémica recente. O assunto já serviu para troca de artigos entre Heckenberger e Meggers na revista "Latin American Antiquity" (www.saa.org/Publications/LatAmAnt/latamant.html). A antropóloga acusou o colega de, com esse argumento, apoiar o desmatamento.

Na resposta, no mesmo número da revista (volume 13, número 3), Heckenberger contra-ataca: "Ao

Índios cuicuros são co-autores de pesquisa

FREE-LANCE PARA A FOLHA

Caso os nomes Afukaká Kuikuro e Tabata Kuikuro sejam procurados na Plataforma Lattes (lattes.cnpq.br) — onde está a maior base de currículos científicos do Brasil —, não serão encontrados. Nem lá, nem em nenhum outro banco de dados semelhante do planeta. Eles não têm doutorado, nem mesmo estudo formal.

No entanto, os dois índios cuicuros assinam um artigo para uma revista na qual dez entre dez pesquisadores do mundo gostariam de publicar seus estudos. Eles são chefes da tribo cuicuro, da região sul do Parque Indígena do Xingu (PIX), formado por uma dúzia de aldeias e dez grupos distintos.

Heckenberger, Fausto e a linguista Bruna Franchetto (outra autora do estudo) dizem que a presença dos chefes na lista de autores é mais do que simples reconhecimento do saber nativo. "Sem eles, não seria possível fazer o trabalho e escrever o artigo", resume Heckenberger.

"Não é paternalismo tolo", afirma. "Foi Tabata, por exemplo, quem acompanhou o mapeamento das estradas que interligavam os sítios e se tornou um mestre em achá-las", diz Fausto.

Segundo Franchetto, os dois chefes cuicuros estão entusiasmados com a pesquisa. "Eles estão vendo aflorar um conhecimento sobre a tradição deles."

A pesquisa reúne a Universidade da Flórida, o Instituto Max Planck (Alemanha), o Museu Nacional, o Museu Paraense Emílio Goeldi e a Associação Indígena Kuikuro do Alto Xingu (Aikax). Tem apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). (CLV)

mesclar nosso tratamento dos sistemas indígenas de manejo dos recursos com as estratégias mecanizadas de desenvolvimento do mundo moderno, ela [Meggers] cria uma atmosfera polêmica e desnecessária para o debate". "Não estamos aqui para salvar a Amazônia ou o mundo. Essa tarefa é de outros", diz Heckenberger. "A estratégia dos índios era inteligente, e é preciso aprender algo com eles, pois os solos estão hoje totalmente recuperados." (CLV)